



“SÓ HÁ CAUSA NAQUILO QUE FALHA” A (DES)CONSTRUÇÃO DA AD EM TRÊS FASES¹

Alexandre Wagner da Rocha²

Nádia Régia Maffi Neckel³

Resumo: *O presente artigo tem como propósito retomar as diferentes fases pela qual a Análise do Discurso passou durante sua (des)construção enquanto (des)disciplina no intuito de melhor compreendermos o modo como a AD trata seu objeto atualmente. Para tanto, tomamos como ponto de partida textos de Michael Pêcheux (1983), e de colaboradores, principalmente Paul Henry (1997), buscando pontos de ancoragem em outros textos do próprio Pêcheux, bem como nos postulados de Althusser (2007) e na reconstituição teórica/histórica da AD produzida por Maldidier (2003). Presentifica-se, por meio desse artigo, a necessidade sempre premente de retornar aos textos fundadores da AD, a fim de se melhor compreender a inscrição teórica a qual nos filiamos.*

Palavras-chave: *Análise do Discurso. Sujeito. Ideologia. Formação Discursiva..*

A Análise do Discurso (AD) de vertente francesa constrói sua teoria e dispositivos analíticos embasada em um tripé composto pela Linguística (saussuriana); pelo Materialismo Histórico (Marx/Althusser); e pela Psicanálise (lacaniana), tomando a língua enquanto materialidade do linguístico, do social, do histórico e do ideológico.

No que tange a Linguística saussuriana, a leitura da AD pensa a relação língua/fala - sujeito/sociedade, o que revela a opacidade da língua, sendo que esta não é homogênea.

O Materialismo Histórico entra na AD pelo viés althusseriano, a partir de uma releitura de Marx, desenvolvendo o conceito de ideologia e os modos como esta atua. Já a Psicanálise permite, a partir da leitura que Lacan fez de Freud, estabelecer-se relações entre a linguagem, o inconsciente e a ideologia.

Os fundamentos teóricos e metodológicos da AD, na forma que os compreendemos hoje, derivam, principalmente, dos estudos pioneiros desenvolvidos por Michel Pêcheux na França. Sendo assim, o presente artigo visa traçar um breve histórico de como Pêcheux, com a colaboração de outros autores, foi construindo, desconstruindo e interpretando as relações língua/sujeito/ideologia ao longo do tempo.

¹ Este texto faz parte da dissertação de mestrado do autor: *O Discurso Pedagógico no EVA - Diferentes Posições Sujeito*, defendida em julho de 2013 pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL/SC.

² Mestre em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/SC. Assistente acadêmico no setor de Capacitação e Assessoria ao Docente - CAD da UnisulVirtual - UNISUL/SC. E-mail: rocha.alexandre@unisul.br

³ Professora orientadora da referida dissertação. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL/SC e da Universidade do Contestado – UnC/SC. E-mail: nadia.neckel@unisul.br



A primeira fase, sob a qual versaremos nos próximos parágrafos, já apontava para várias formulações que se construiriam a partir do que Pêcheux nomeou de “maquinarias discursivas”.

Segundo Paul Henry (1997), a primeira publicação de Michael Pêcheux, “*Reflexions sur la situation théorique des sciences sociales*”, ocorreu em 1966 sob o codinome Thomas Herbert. Utilizando este mesmo pseudônimo, Pêcheux publicaria, em 1968, outro texto abordando as ciências sociais, “*Remarques pour une théorie générale des idéologies*”. Em paralelo a estas publicações, Pêcheux publicou, ainda na década de 60, outros dois textos nos quais assumia a autoria, um no *Bulletin Du Centre d'Études ET de Recherches Psychometechniques* em 1967, e outro na *Psychologie Française* em 1968, ambos os textos relacionados à análise do discurso.

Paul Henry coloca que, abordando temas aparentemente dispersos nas obras assinadas por Herbert/Pêcheux, mesmo ao analisarmos *L'Analyse automatique du discours* (PÊCHEUX, 1969), encontraremos dificuldade em relacionar a obra dos “dois” autores, pois enquanto Herbert abordava temas como “teorias das ideologias” e “teoria do inconsciente”, Pêcheux traria, nesta última obra citada, apenas uma nota de rodapé referindo-se a teoria psicanalítica e, aparentemente, ignorando por completo as teorias das ideologias.

Apesar das aparentes divergências entre as obras, a estratégia adotada por Pêcheux visava:

[...] abrir uma fissura teórica e científica no campo das ciências sociais, e, em particular, da psicologia social. Ele afirmava, no momento da publicação de *A análise automática do discurso*, que ali se encontrava seu objetivo profissional principal. Nesta tentativa, ele queria se apoiar sobre o que lhe parecia já ter estimulado uma reviravolta na problemática dominante das ciências sociais: o materialismo histórico tal como Louis Althusser o havia renovado a partir de sua releitura de Marx; a psicanálise, tal como a reformulou Jaques Lacan, através de seu ‘retorno a Freud’, bem como certos aspectos do grande movimento chamado, não sem ambiguidades, de estruturalismo. No fim da década de sessenta, o estruturalismo estava em seu apogeu. O denominador comum entre Althusser e Lacan tem algo a ver com o estruturalismo. O que interessava Pêcheux no estruturalismo eram os aspectos que supunham uma atitude não-reducionista no que se refere à linguagem. (HENRY, 1997, p. 14).

Paul Henry afirma que Pêcheux (sob a alcunha de Herbert) produziu em seus textos uma análise detalhada dos instrumentos científicos utilizados pelas ciências sociais, nos quais demonstrava acreditar que estas ciências encontravam-se num momento um tanto pré-científico, bem como careciam de um instrumento (científico).

Tomando por base a análise desenvolvida nas obras assinadas como Herbert, o objetivo de Pêcheux ao publicar “*A Análise Automática do Discurso*” seria o de produzir e oferecer este instrumento que lhes faltava.

Ao analisar as obras de Herbert/Pêcheux, Paul Henry diz ser possível identificar duas preposições fundamentais:

A primeira concerne às condições nas quais uma ciência estabelece seu objeto. A segunda, por sua vez, refere-se ao processo de ‘reprodução metódica’ deste objeto, isto é, o processo através do qual uma ciência explora, do interior, seu próprio discurso, testando sua consistência e necessidade. (HENRY, 1997, p. 16).



Conforme afirmamos acima, o objetivo de Pêcheux ao elaborar “*A Análise Automática do Discurso*” era o de fornecer um instrumento científico que auxiliasse as ciências sociais na análise de seus objetos. No entanto, para Pêcheux, o modo de funcionamento das ciências, as quais embasavam, formulavam e reformulavam seus fundamentos e teorias dentro de si próprios, não mostrava-se um caminho “válido” para que as ciências se estabeleçam como tal, pois apenas se legitimavam dentro da própria ideologia de ciência. Para ele, “num certo sentido, toda ciência é, antes de tudo, a ciência da ideologia com a qual rompe” (HENRY, 1997, p.16). Outra característica do modo de funcionamento das ciências que preocupava Pêcheux era o da aplicação indiscriminada do método ou “reprodução metódica”, ou seja, dentro do modo de funcionamento das ciências, a partir do momento que um determinado método produz um resultado que valida uma determinada teoria, ele legitima-se como método (e a ciência como ciência). No entanto, este mesmo método é assimilado por outras ciências e passa a ser utilizado para analisar outros objetos, de diferentes teorias. Sem que estas ciências passem por uma reformulação teórico-metodológica, deslocam o método (e sentidos), produzindo contradições.

Pêcheux, ao desenvolver o método de Análise Automática do Discurso (AAD ou AD69), estava sujeito a estas mesmas contradições, apesar de seus estudos sobre os métodos científicos apontarem para o modo de funcionamento da ideologia (inclusive nas validações científicas). Em uma (auto) análise sobre o mecanismo que desenvolveu, Pêcheux (1997) relata a falha de um “método automático” (estatístico), pois o tratamento da língua nos primeiros trabalhos da AAD consideraram os textos que compunham o *corpus* discursivo como estando em “língua natural” (com sentidos preestabelecidos e sem erro)⁴.

[...] não seria o caso de colocar no início da análise linguística o que deve justamente aparecer como resultado da confrontação de objetos que derivam precisamente desta análise. Dito de outro modo, a análise linguística que a AAD almeja deve ser essencialmente de natureza morfossintática e, por esta razão, deve permitir a deslinearização especificamente linguística dos textos, ligada aos fenômenos de hierarquias, encaixes, determinações... Não seria, pois, o caso de introduzir uma “concepção de mundo” que repousasse numa semântica universal e a priori, já que isto significaria voltar a incluir no próprio funcionamento da língua os processos discursivos historicamente determinados que não podem ser colocados como co-extensivos à língua, salvo se identificar-se ideologia e língua. (PÊCHEUX, 1997, p. 172).

A fim de compreender melhor essa (des)disciplina que é a Análise do Discurso, faz-se necessário um percurso sobre alguns princípios que nortearam as noções fundadoras da Análise do Discurso. Para tanto, partiremos de conceitos como aparelhos ideológicos de estado, ideologia e sujeito em Althusser.

Ao percorrer as leituras sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado em Althusser a partir de uma filiação teórica na AD pecheutiana, trazemos nas palavras de Maldidier a

⁴ “Estudando os conceitos propostos por Michel Pêcheux no *Semântica e Discurso*, Jean-Marie Marandin observava, justamente, que o dispositivo da AAD69, orientando para a “deslinearização” e a constituição dos domínios semânticos, conduzia a “negligenciar” o *interdiscurso*.” (MALDIDIER, 2003, p. 72).



visão que compartilhamos para a escritura deste artigo: “Se fosse necessário, nesses anos de aprendizagem, designar um nome, um pólo, eu não hesitaria: Althusser é, para Michel Pêcheux, aquele que faz brotar a fagulha teórica, o que faz nascer os projetos de longo curso” (MALDIDIÉ, 2003, p. 18).

Althusser, a partir da releitura que faz de Marx, afirma que a classe dominante detém o poder do Estado, sendo assim, a ideologia das classes dominantes atua (in)diretamente no Aparelho de Estado, seja por intermédio dos Aparelhos (repressivos) de Estado, seja pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), sendo que ambos os conjuntos de Aparelhos visam garantir a reprodução dos meios, das forças e das relações de produção. No entanto:

Ao contrário do que ocorria nas formações sociais escravistas e servis, esta reprodução da qualificação da força de trabalho tende (trata-se de uma lei tendencial) a dar-se não mais no “local de trabalho” (a aprendizagem na própria produção), porém, cada vez mais, fora da produção, através do sistema escolar capitalista e de outras instâncias e instituições. (ALTHUSSER, 2007, p. 57).

Para o autor, os Aparelhos (repressivos) de Estado, bem como os Aparelhos Ideológicos de Estado não funcionam unicamente pela repressão ou pela ideologia. No entanto, o que os diferencia é justamente o caráter predominante de um e de outro, sendo que os Aparelhos (repressivos) de Estado funcionariam prioritariamente através da violência, enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado atuam por intermédio da ideologia.

(inclusive física) e secundariamente através da ideologia. (Não existe aparelho unicamente repressivo). Exemplos: o Exército e a Polícia funcionam também através de ideologia, tanto para garantir sua própria coesão e reprodução, como para divulgar os “valores” por eles propostos. Da mesma forma, mas inversamente, devemos dizer que os Aparelhos Ideológicos do Estado funcionam primeiramente através da ideologia, e secundariamente através da repressão seja ela bastante atenuada, dissimulada, ou mesmo simbólica. (Não existe aparelho puramente ideológico). Desta forma, a Escola, as Igrejas “moldam” por métodos próprios de sanções, exclusões, seleção etc... não apenas seus funcionários mas também suas ovelhas. E assim a Família... Assim o Aparelho IE cultural (a censura, para mencionar ela) etc. (ALTHUSSER, 2007, p. 69-70).

Nesta visão, os AIE (Escola, Igreja, Família, etc.) seriam então responsáveis por garantir a submissão à ideologia dominante através do ensino (perpetuação) de seus saberes e práticas. Para tanto, faz-se necessário que todos os agentes (exploradores e explorados) estejam imbuídos desta mesma ideologia que, por sua vez, se assegura (e é assegurada) através da reprodução das práticas e das condições de produção.

A reprodução da força de trabalho evidencia, como condição *sine qua non*, não somente a reprodução de sua “qualificação” mas também a reprodução de sua ideologia, devendo ficar claro que não basta dizer: “não somente mas também”, pois a reprodução da qualificação da força de trabalho se assegura em e sob as formas de submissão ideológica. Com o que reconhecemos a presença de uma nova realidade: a ideologia. (ALTHUSSER, 2007, p. 59).



Ao passo em que reconhece esta nova realidade, a ideologia, Althusser trata então de esboçar uma teoria geral sobre a mesma.

Para o autor, a ideologia está para além das ideologias particulares (moral, religiosa, jurídica etc.) e, diferentemente destas, não possui história (ela não possui um passado ou um futuro, mas se faz sempre presente - a ideologia “é”). Ela possui uma estrutura e um funcionamento que se apresentam imutáveis ao longo do tempo.

A ideologia se manifesta materialmente nas/pelas práticas, por intermédio da relação que os indivíduos estabelecem com suas condições reais de existência. No entanto, é justamente nesta relação (nas práticas) que ela atua, pois esta relação que o indivíduo estabelece com suas condições reais de existência é sempre uma relação imaginária. O que se apresenta como real (verdade) para o indivíduo produz este efeito (de verdade) devido à posição que ele assume frente a esta realidade. Por isso, na perspectiva da AD, falamos em sujeito e não em indivíduo, daí a relação ideologia/sujeito:

[...] “a ideologia existe em um aparelho ideológico material, que prescreve práticas materiais reguladas por um ritual material, práticas estas que existem nos atos materiais de um sujeito, que age conscientemente segundo sua crença”. [...] a categoria sujeito é constitutiva de toda ideologia, mas, ao mesmo tempo, e imediatamente, - acrescentemos que a categoria de sujeito não é constitutiva de toda ideologia, uma vez que toda ideologia tem por função (é o que a define) “constituir” indivíduos concretos em sujeitos. (ALTHUSSER, 2007, p. 92).

A ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, em um processo de dupla constituição onde ambos se constituem ao mesmo tempo em que são constituídos, pois só há ideologia pelos/para os sujeitos.

Segue-se que, tanto para vocês como para mim, a categoria sujeito é uma “evidência” primeira (as evidências são sempre primeiras): está claro que vocês, como eu, somos sujeitos (livres, morais, etc.). Como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra “designa uma coisa” ou “possua um significado” (portanto inclusive as evidências da “transparência” da linguagem), a evidência de que vocês e eu somos sujeitos – e até aí que não há problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. Este é aliás o efeito característico da ideologia – impor (sem parecer fazê-lo, uma vez que se tratam de “evidências”) as evidências como evidências, que não podemos deixar de reconhecer e diante das quais, inevitável e naturalmente, exclamamos (em voz alta, ou no “silêncio da consciência”): “é evidente! é exatamente isso! é verdade!”. (ALTHUSSER, 2007, p. 95).

É pensando neste duplo caráter constitutivo dos sujeitos e da ideologia (imbricada na língua e na história), bem como a relação entre eles dentro de suas condições de produção, que a AD buscará compreender o funcionamento do discurso.

A segunda fase da AD, a qual Pêcheux intitula como “da justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual” (PÊCHEUX, 1997, p. 313) modifica, principalmente, a forma de tratarmos as Formações Discursivas (FD).



Esta noção, tomada inicialmente por empréstimo de Foucault, se formulará, a princípio, como maquinarias fechadas em si, com discursos próprios, com os quais os sujeitos se identificam “plenamente”. Ao passar da análise linear da AAD69 para a justaposição dos processos discursivos percebe-se que:

Uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de “preconstruídos” (*sic*) e de “discursos transversos”). (PÊCHEUX, 1997, p. 314).

A este atravessamento discursivo por elementos externos a uma determinada FD, que falam antes em outro(s) lugar(es), Pêcheux denominou *interdiscurso*. No entanto:

[...] o interdiscurso não é nem a designação banal dos discursos que existiram antes nem a ideia (*sic*) de algo comum a todos os discursos. Em uma linguagem estritamente althusseriana, ele é, “o todo complexo a dominante das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas”, e “submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação”. Em outros termos, o interdiscurso designa o espaço discursivo ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradição. Ele esclarece o que a experiência sugere: na luta política, por exemplo, não escolhemos nosso terreno, temas, nem mesmo nossas palavras. (MALDIDIER, 2003, p. 51).

Nas palavras do próprio autor:

[...] o *interdiscurso enquanto discurso-transverso* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos *pelo interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante”, com a formação discursiva que o assujeita. Nesse sentido, pode-se bem dizer que o intradiscurso, enquanto “fio do discurso” do sujeito, é a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma “interioridade” inteiramente determinada como tal “do exterior”. E o caráter da forma-sujeito, com o idealismo espontâneo que ela encerra, consistirá precisamente em reverter a determinação: diremos que a forma-sujeito (pela qual o “sujeito do discurso” se identifica com a formação discursiva que o constitui) tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela *simula o interdiscurso no intradiscurso*, de modo que o interdiscurso *aparece* como puro “já-dito” do intra-discurso, no qual ele se articula por “co-referência”. (PÊCHEUX, 2009, p. 154).

Este artigo, desde seu título, nos remete a outra (auto) análise sobre os trabalhos desenvolvidos pela Análise do Discurso, publicada como anexo III (1978) na obra *Semântica e Discurso* (1975), na qual Pêcheux nos alerta para a “presença não reconhecida do próprio adversário no interior da cidadela teórica” (2009, p. 270), não apenas no interior da língua, como já havia postulado em sua (auto) análise sobre a AAD69, mas também através das “invasões” às formações discursivas, desenvolvidas na segunda fase da AD e, por fim, na constituição do sujeito.

Ao final de *Semântica e Discurso*, o autor chega à seguinte formulação sobre a forma-sujeito: “A forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o non-sens da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira” (PÊCHEUX, 2009, p. 271).



Na mesma obra supracitada, o autor, procurando contornar as acusações de “eternitarismo apolítico” lançadas contra os Aparelhos Ideológicos de Estado, delineou um contraditório sujeito materialista que, através da “apropriação subjetiva da política do proletariado” seria capaz de se voltar contra causas que o determinam. E é justamente este ponto que Pêcheux retoma em sua (auto) análise.

[...] eu me apoiava em uma *exterioridade radical marxista-leninista* para desvendar o ponto em que o absurdo reaparece sob a evidência, determinando, assim, a possibilidade de uma espécie de *pedagogia da ruptura das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra*, logo a possibilidade de uma “interpelação às avessas” atuando na prática política do proletariado [...]. (PÊCHEUX, 2009, p. 275).

Ao desconstruir este sujeito “fantasmagórico”, Pêcheux retoma as referências teóricas da Psicanálise, pois conclui que o modo como o sujeito foi tratado em *Semântica e Discurso*, aborda um sujeito “centrado” no *ego*, decorrente da “forma-sujeito” da ideologia jurídica, em que nada falha.

Segundo o autor:

[...] o fato de que o *non-sens* do inconsciente, em que a interpelação encontra onde se agarrar, *nunca é inteiramente* recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto, porque o tempo da produção e o do produto não são sucessivos como para o mito platônico, mas estão inscritos na simultaneidade de um batimento, de uma “pulsção” pela qual o *non-sens* inconsciente não para (*sic*) de voltar no sujeito e no sentido que nele pretende se instalar. [...] os traços inconscientes do significante não são jamais “apagados” ou “esquecidos”, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsção *sentido/non-sens* do sujeito dividido. (PÊCHEUX, 2009, p. 276-277).

Considerar que o processo de interpelação está sujeito à falha é considerar que o ritual, a reprodução de práticas das ideologias dominantes, também estão sujeitos a estas falhas, rupturas, as quais podem desestabilizar e provocar transformações em sua estrutura.

Ao redefinir o modo de constituição do sujeito da AD, Pêcheux termina por desconstruir as maquinarias discursivas, incluindo o *outro*, no processo de formulação dos sentidos. Nessa esteira, Pêcheux teve a contribuição dos trabalhos desenvolvidos por Jacqueline Authier-Revuz (1978) os quais, colocando em evidência as rupturas enunciativas no “fio do discurso”, faziam romper um discurso outro no próprio discurso.

A questão do discurso é, a partir de então, posta sob o signo da heterogeneidade. O primado do outro sobre o mesmo se impôs, eu poderia dizer, parodiando Michel Pêcheux. O que, nos anos precedentes, procurava-se através da contradição marxista ou nas falhas da interpelação ideológica, se inscreve agora no termo “heterogeneidade”. (MALDIDIER, 2003, p. 74).

Entre os trabalhos que lançam marco sobre a problemática da heterogeneidade, Maldidier (2003) destaca ainda as análises desenvolvidas por Jean Jacques Courtine e Jean-Marie Maradin, ambas apresentadas no colóquio *Materialidades Discursivas*, realizado entre os dias 24 e 26 de abril de 1980 em Nanterre (França).



Sendo que o primeiro, ao defender sua tese sobre o discurso comunista destinado aos cristãos, produzira uma síntese entre proposições foucaultianas e a Análise do Discurso, na qual, forçando ao limite o conceito de “formação discursiva” formula a noção de “fronteira que se desloca”, interditando qualquer interpretação fixista dos sentidos. Porém, com o movimento de desconstrução das maquinarias fechadas (formações discursivas), esta noção não teria um longo futuro no desenvolvimento da AD. Contudo, Courtine, ao reler Foucault, extrapola a ideia de “campo associado” presente em *Arqueologia do Saber*, sugerindo em sua intervenção “[...] o tema da memória, coligada no eixo vertical à repetição, mas também ao esquecimento, ao apagamento e à denegação [...]”. (MALDIDIÉ, 2003, p. 76).

Pêcheux (1983), ao desenvolver sobre a relação com o outro, bem como procurando desfazer o conceito maquinarias fechadas, coloca que:

[...] é porque há *outro* nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio do linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transparência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes. (PÊCHEUX, 2008, p. 54).

Jean-Marie Marandin parte dos trabalhos de Deleuze para desenvolver sua tese em torno da questão da repetição. Ao apontar para o advento do diferente, a partir do retorno do mesmo, Marandin revela o espaço da sequência como lugar do heterogêneo, de rupturas, e lança bases filosóficas sobre a necessidade de se refletir no intradiscurso, na “repetição dos termos em extensão” dentro da Análise do Discurso.

O trabalho de Marandin, assim como outros apresentados durante este colóquio, foi reagrupado sob o título “Discurso e Linguística”. Este tema, segundo Maldidier:

[...] diz bem à ancoragem fundamental na linguística da análise do discurso concebida por Michel Pêcheux. No passado, a questão da relação língua-discurso tinha sido abordada frequentemente nos termos abstratos de base e processo, de autonomia (relativa) da sintaxe etc. Só a questão das relativas, objeto privilegiado da reflexão sobre o discurso, tinha sido objeto de estudos particulares. O relacionamento do discurso e da linguística anuncia uma outra iniciativa. Trata-se agora de se interrogar, apoiando-se sobre as pesquisas linguísticas em curso, sobre a *discursividade*. (MALDIDIÉ, 2003, p. 77).

Pêcheux, ao retomar leituras de Foucault, faz romper da noção de arquivo a necessidade de mudar os rumos no que diz respeito ao tratamento do arquivo. O gesto de leitura da Análise do Discurso deveria então sair da posição de “leitura de máquina” (dentro de formações discursivas “fechadas”) para a de confronto com outros textos sócio-históricos. Como diz Maldidier, parafraseando Pêcheux: “A análise do discurso deveria sair de seu fechamento, se confrontar com outras disciplinas, ‘pôr-se à prova’” (MALDIDIÉ, 2003, p. 80).

Ao retomar a noção de sujeito em *Só há causa naquilo que falha* ou o inverno político francês: início de uma retificação (1978), Pêcheux estava dando início à terceira fase da AD, a qual veio chamar depois de A emergência de novos procedimentos da AD, através da desconstrução das maquinarias discursivas (1983). Conforme podemos



perceber, esta fase gerou “sobretudo muitos pontos de interrogação”, os quais levaram a AD a tomar um outro rumo, modificando principalmente a forma de lidar com as noções de língua e sujeito na relação com o discurso e com a ideologia.

Revisitando esse percurso teórico de Pêcheux, torna-se possível compreender sua formulação que nos é mais cara: “Discurso é efeito de sentidos entre interlocutores.” (1997/2009), ou ainda: “A presença-ausente de um ‘não dito’ atravessa o ‘dito’ sem fronteira assinalável” (PÊCHEUX apud MALDIDIER, 2003, p. 85). É justamente nessa postura teórica e, conseqüentemente, política de Pêcheux que compreendemos o Discurso não apenas como estrutura, pois se assim fosse, estruturalmente as “maquinarias discursivas” teriam dado conta da questão da interpretação. Assim, Discurso é essencialmente: Estrutura e Acontecimento. E, sendo o acontecimento o “encontro de uma memória com uma atualidade” (PÊCHEUX, 2008) o mestre ensina, por meio do seu percurso, que:

O objeto da linguística (o próprio da língua) aparece aqui atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabelecidas, normalizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformação do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida *a priori*, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações. Esta fronteira entre os dois espaços é tanto mais difícil de determinar na medida em que existe toda uma zona intermediária de processos discursivos (derivando do jurídico, do administrativo e das convenções da vida cotidiana) que oscilam em torno dela. Já nesta região discursiva intermediária, as propriedades lógicas dos objetos deixam de funcionar: os objetos têm e não têm esta ou aquela propriedade, os acontecimentos têm e não têm lugar, segundo as construções discursivas nas quais se encontram inscritos os enunciados que sustentam esses objetos e acontecimentos. (PÊCHEUX, 2008, p. 52).

Desta maneira, tomar discurso como estrutura e acontecimento é conceber-se sujeito de e sujeito à interpretação; é reconhecer-se nas tomadas de posição, nos efeitos de identificação e de desidentificação. Trabalhar com a Análise do Discurso nas três, ou todas as épocas, é então, nas palavras de Pêcheux (2008, p. 57), “uma questão de ética e política: uma questão de responsabilidade”.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Trad. Walter José Evangelista, Maria Laura Viveiros de Castro. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- HENRY, Paul. *Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michael Pêcheux (1969)*; in Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michael Pêcheux. HAK, Tony; GADET, Françoise; Trad. Mariane B. [et al] 3ª Ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1997.
- MALDIDIER, Denise. *A inquietação do Discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, M. *Ler o arquivo hoje*. in Gestos de leitura. ORLANDI, Eni P. (org.) [et al]. 3ª Ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2010.
- _____. *Semântica e Discurso*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª Ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.

ROCHA, Alexandre Wagner da; NECKEL, Nádia Régia Maffi. “Só há causa naquilo que falha” A (des)construção da AD em três fases. **Revista Científica Ciência em Curso** – R. cient. ci. em curso, Palhoça, SC, v. 3, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 2014.



_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 5ª Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

_____. *A Análise do Discurso: três épocas (1983)*. in Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michael Pêcheux. HAK, Tony; GADET, Françoise; Trad. Mariane B. [et al] 3ª Ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. FUCHS, C. *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975)*. In: Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michael Pêcheux. HAK, Tony; GADET, Françoise; Trad. Mariane B. [et al]. 3 ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1997.

Abstract: *This article has the objective of reviewing the different phases that the Discourse Analysis has passed during its (de) construction while (un) discipline in order to better comprehend the way the Discourse Analysis treats its object nowadays. Therefore, the starting point will be texts from Michael Pêcheux (1983) and collaborators, especially Paul Henry (1997), searching for parallels in other texts from Pêcheux himself, in Althusser's (2007) postulates and in the theoretical/historical reconstitution of Discourse Analysis produced by Maltby (2003). This article presents the frequent necessity of returning to the former texts of Discourse Analysis, in order to better comprehend the theoretical inscription in which we are affiliated.*

Key-words: *Discourse Analysis. Subject. Ideology. Discursive Formation.*